

13, 14 e 15 de setembro

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Mais informações no site: www.fecilcam.br/vienieduc

MINICURSOS



UNESPAR
Universidade Estadual do Paraná
Campus de Campo Mourão

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 1 (Quarta-feira, 13/09, 13h30 às 17h30; Quinta-feira, 14/09, 13h30 às 17h30)

A LINGUAGEM DESENVOLVE-SE DE UM MODO ESPONTÂNEO E NATURAL OU REQUER CONTATO COM OUTROS SERES HUMANOS?

Evaldina Rodrigues (UNESPAR)
Ruth Mirian Pacheco (UNESPAR)

RESUMO: A linguagem desenvolve-se de um modo espontâneo e natural ou requer contato com outros seres humanos? Para responder a pergunta precisamos enxergar à distância coisas que estão excessivamente próximas a nós para serem percebidas com nitidez. A linguagem é uma delas, pois o hábito de utilizá-la no dia-a-dia torna difícil imaginar a vida sem ela. Colocar a Língua de Sinais, a história, as dificuldades e a cultura dos surdos em discussão num Mini-Curso é uma forma de trazer explicações para a questão. A disseminação de resultados de pesquisas sobre a relação da linguagem com aprendizagem e desenvolvimento também auxiliam a elucidar o tema proposto. A seleção de referências para este Mini-Curso tem como eixo norteador a obra *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, escrita pelo neurologista inglês Oliver Sacks, falecido em 2015 que traz uma reflexão sobre a importância da Língua de Sinais na vida dos surdos; outras produções, tais como os resultados da Dissertação de Evaldina Rodrigues: *Aquisição de Conceitos por Alunos Surdos no Ensino Superior* e a Tese: *Formação de Conceitos Matemáticos por surdos nos Anos Finais do Ensino Fundamental*, corroboram com o eixo norteador. Desse modo, com o apoio teórico dessas produções, o objetivo do Mini-Curso, com uma carga horária de 4 horas, é conhecer a natureza da pessoa surda em vários aspectos que determinam um tipo peculiar de comunicação. O plano do Mini-Curso compõe-se de quatro unidades: Conceito de surdez; Surdos, sua História, suas Dificuldades, sua Cultura; Os surdos ainda não estão preparados para atuar no mundo ouvinte? Formação de conceitos matemáticos por surdos nos anos finais do Ensino Fundamental e Aquisição de conceitos por surdos no Ensino Superior. Na primeira unidade, abordo o conceito de surdez no enfoque da Teoria Histórico Cultural; na segunda unidade, apresento as consequências da ausência da linguagem; na terceira unidade apresento uma experiência histórica de autonomia de pessoas surdas numa Faculdade de Ciências Humanas; na quarta e última, apresento dados de minhas pesquisas já nominadas. Em relação aos

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

participantes, o mini-curso é aberto à inscrições do público em geral, e de forma especial, as pessoas surdas, os pais de pessoas surdas, professores, intérpretes da Língua de Sinais; acadêmicos de todos os cursos. Para atender um requisito da Educação Especial inclusiva o evento conta com intérprete da Língua de Sinais. Número de participantes: máximo 40.

Palavras-chave: Linguagem; surdez; desenvolvimento.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 2 (Quinta-feira, 14/09, 8h30 às 12h30; 13h30 às 17h30)

CURSO PRÁTICO DE FORMATAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS NAS NORMAS DA ABNT NO PROGRAMA WORD

Rosefran Adriano Gonçalves Cibotto (UNESPAR)

Sandra Garcia Neves (UNESPAR)

RESUMO: A escrita científica implica apropriação, para além do conhecimento científico, de métodos e técnicas que a diferenciam do senso comum. Nesse sentido, a escrita científica é de extrema relevância para os alunos de graduação como instrumento de produção e disseminação do conhecimento científico. É também subsídio uma formação acadêmica de qualidade e a possibilidade de continuidade no processo de formação *lato* e *stricto sensu* e profissional. Nossa proposta de minicurso se constitui como possibilidade de aprendizagem de formatação nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) do Fórum Nacional de Normalização, de arquivos no Microsoft Word que é um processador de texto produzido pela Microsoft. A ABNT informa que as normas técnicas são aplicadas à trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros), com objetivo de apresentação à instituição (banca, comissão examinadora, especialistas designados e/ou outros). Tais normas aplicam-se ainda, aos trabalhos intra e extra-classe da graduação. Nosso objetivo é ensinar os alunos da Unespar-Campus de Campo Mourão, a formatar arquivo modelo no Word nas seguintes normas da ABNT: NBR-14724/2011 (trabalho acadêmico), NBR-10520/2002 (citações), NBR-6023/2002 (referências), NBR-6027/2003 (sumário), NBR-6024/2003 (apresentação de seções), NBR-6028/2003 (resumo). Consideramos que muitos de nossos alunos não sabem utilizar o processador de texto da Microsoft Word para formatar seus trabalhos acadêmicos nas normas citadas o que acaba dificultando e desqualificando a apresentação gráfica, e posterior disseminação desses mesmos trabalhos. Desse modo, nos propomos a realizar aulas práticas de modo que os alunos aprendam a formatação padrão ao praticá-la e dirimam dúvidas no decorrer do minicurso. Julgamos que esse minicurso instrumentalizará nossos alunos na formatação de seus Trabalhos de Conclusão Anual e Trabalhos de Conclusão de Curso, assim como, seus projetos de estudos posteriores e materiais didático-pedagógicos que produzirão em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: ABNT, Formatação de trabalhos acadêmicos, Word.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 3 (Quinta-feira, 14/09, 13h30 às 17h30)

DO APOLÍNEO. DO DIONISIACO. QUESTÕES DE POESIA EM DORA FERREIRA DA SILVA E HILDA HILST

Sandro Adriano da Silva (UNESPAR/UFSC)

RESUMO: “Ele ama a distância além do inverno”, diz um verso de “Apolo hiperbóreo”, de Dora Ferreira da Silva. “Embriagada. Interdita. Ama-me”, poetiza Hilda Hilst. Eis o *élan* entre o canto dessas duas herdeiras de Érato: na primeira, o eu lírico matiza uma efrase do deus Apolo, guardião do frontão ocidental do templo de Delfos, deus-sol do espírito grego, realizador do equilíbrio e da harmonia; na segunda, o eu poemático sugere um estado de delírio místico, energia que antecede o caos e a desenfreada infração da regra – domínio de Dionísio, que figura no frontão oriental do mesmo templo. Em Dora, o princípio apolíneo, princípio do limitado, da forma, das artes plásticas, da arquitetura; princípio do dever-fazer, do dever-ser, da simetria, da proporcionalidade. Em Hilda, o princípio dionisiaco, princípio do ilimitado, dos excessos, da música, do êxtase, do poder-ser, do *pathos*. Este minicurso intenta uma reflexão sobre estas duas dicções líricas que se nutrem da essência das duas linhas de força. *Hídrias* (2004) e *Alcoólicas* (1990) são as obras a partir das quais faremos uma sondagem do impulso apolíneo e do impulso dionisiaco, no plano da expressão e no plano do conteúdo. Primeiramente, apresentaremos os conceitos de apolíneo e dionisiaco no contexto grego e na arte trágica, a partir da obra *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, e como estas forças se articulam nos gêneros artísticos, sobretudo na poesia lírica e na tragédia. Em seguida, apresentaremos um retrato da poesia doreana, seus principais temas e sua poética, com um recorte específico para a obra acima mencionada, conquanto nela a poetisa elabora um panteão de divindades gregas, dentre elas Apolo. Pretendemos demonstrar como a poética de Dora é matizada pela contenção do princípio apolíneo materializado na forma poemática, no tom, nas construções metafóricas. Em seguida, faremos um panorama da poesia de Hilda Hilst, direcionando a reflexão para o livro em foco, e, na mesma perspectiva, lançando um olhar sobre a feitura do poema, relacionando-a ao princípio dionisiaco, no que tem de arrebatamento, de deslimite, sugerindo uma estado de diluição das fronteiras entre consciente e não consciente, de fragmentação, na qual o eu lírico entra no princípio de individuação.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Dora Ferreira da Silva; Hilda Hilst.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 4 (Quinta-feira, 14/09, 8h30 às 12h30)

EDUCAÇÃO E TRABALHO: A PERSPECTIVA GLOBALIZANTE E NEOLIBERAL CONTEMPORÂNEA

Elaise Mara Ferreira Crepaldi (UNESPAR)
Suzana Pinguello Morgado (UNESPAR)

RESUMO: A presente proposição de desenvolver um Mine Curso objetiva promover o debate e reflexão sobre o tema da Educação e Trabalho com enfoque voltado para as políticas educacionais levadas a termo no Brasil nos anos de 1990. Para que se possa compreender as reformas educacionais é preciso refletir sobre o contexto da globalização econômica e as influências neoliberais contemporâneas na forma de pensar, não somente os ajustes estruturais da economia das nações, mas como também, as políticas para a educação do trabalhador sob as novas lógicas econômicas, sociais e educacionais que as determinaram. Os anos 1960 constituem-se em marco para o início de uma crise do capital que se tornou mais evidente no final dos anos 1970. Para sair da crise, países economicamente ricos demandaram modelos de reestruturação do sistema capitalista internacional, que exigiu novas lógicas socioeconômicas. Neste período o fenômeno da Globalização se intensificou com o processo acelerado de integração das economias e das sociedades no mundo, promovendo maior fluxo de bens, de serviços, de ideias, de tecnologias e de capital. No quadro da globalização, abriu-se as fronteiras e o Estado diminuiu o seu peso, aumentando desta forma, a circulação de fluxos das multinacionais. A globalização tornou-se também um fenômeno político amparado na ideologia neoliberal propalada pelo documento Consenso de Wahington (1989), formulado por economista representantes do Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos com a finalidade de definir políticas a serem aplicadas na América Latina. Em 1980, novas lógicas da globalização e da progressão ideológica neoliberal, intensificaram mudanças na educação. Surgem proposições de ampliação da rede de escolas particulares, crescem as empresas de venda de cursos que prometem profissionalizar trabalhadores, prosperam cursos de língua estrangeiras, intensifica o ingresso de multinacionais nas escolas com o fornecimento de produtos específicos induzindo efeitos no funcionamento da escola. Na articulação entre educação e trabalho, mudou consideravelmente a relação com o saber e com a escola, que passou a ser pensada como local para se obter um bom emprego em futuro próximo, assim como produziu efeitos no mercado de trabalho. Para que se possa entender a relação entre educação e trabalho no contexto da globalização e do neoliberalismo em toda a sua amplitude, propomos para este Mini Curso a abordagem sócio-histórica como metodologia do ensino.

Palavras-chave: Educação; Globalização; Neoliberalismo.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 5 (Quarta-feira, 13/09, 13h30 às 17h30)

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: A RELAÇÃO ENTRE ARTE E GÊNERO

Claudia Priori (UNESPAR)

RESUMO: Este minicurso tem como objetivo discutir a relação entre arte e gênero, no contexto do século XX, analisando como nas diferentes formas de expressão e estilos, as representações de gênero aparecem no conjunto de imagens a serem trabalhadas no curso. As imagens, objetos desse curso, contemplam obras feitas por artistas mulheres e por artistas homens, tanto do cenário nacional quanto internacional, de diversificados estilos, mediante as quais analisaremos as relações de gênero e suas representações no mundo das artes. Sabe-se que a temática de gênero sempre esteve presente nas artes, seja retratando mulheres, ou as conhecidas pinturas de gênero. Entretanto, as mulheres artistas enfrentaram dificuldades para se inserir na profissão, espaço predominantemente masculino, perpassado por relações desiguais de poder e marcações de gênero. A partir do século XX houve conquista de maior espaço e reconhecimento das artistas mulheres, mas a temática ainda é pouco abordada nos estudos históricos e na história da arte. Outro ponto de destaque é a crítica feminista que também se dedicou às expressões artísticas como espaços de resistências, lutas e contestações sociais, principalmente a partir da década de 1960, o que nos faz abordar a relação entre arte e gênero também nessa perspectiva de deslocamento de fronteiras, espaços recriados e novas formas de abordagem. Atualmente, as representações de gênero nas artes abordam as diferentes relações de gênero, abrindo espaço para a diversidade, a multiplicidade de gêneros e a performatividade. Para a realização desse minicurso, adotaremos a metodologia de análise iconográfica/iconológica, do historiador da arte, Erwin Panofsky, em seus três níveis de significado, buscando compreender o processo interpretativo da arte, a capacidade de interpretar seu sentido e como quem recebe a mensagem se apropria desses sentidos. Sendo assim, o minicurso tem o intuito de contribuir para o entendimento do percurso da história das imagens percebendo as variadas formas e representações de gênero na história da arte.

Palavras-chave: arte; gênero; história.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 6 (Quinta-feira, 14/09, 8h30 às 12h30)

INIMIGOS SE VEEM: O CINEMA AMERICANO REPRESENTA OS SOVIÉTICOS DURANTE A SEGUNDA GUERRA E VICE-VERSA

Moisés Wagner Franciscon (SEED)

RESUMO: Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as duas superpotências que emergiram do conflito passaram a constituir narrativas sobre seu papel na guerra. Após poucos anos, a eclosão da Guerra Fria, ao opor os dois antigos aliados em campos políticos-ideológicos, promoveu mais um importante fator na representação da guerra: a do novo oponente. Representar-se e ao inimigo dizia respeito não apenas a uma construção da memória do conflito e legitimação do passado, mas também uma justificação de demandas e de ações presentes: polícia do mundo, para os americanos, libertador de nações escravizadas pelos soviéticos. Nenhum meio teve maior penetração popular durante o século XX do que o cinema. Alcançava populações apesar da existência de outros veículos de comunicação em países desenvolvidos (como a televisão – que também exibia reprises da produção cinematográfica), ou era o principal entre as nações pobres, amplamente analfabetas. Para sua exibição, apesar da existência de locais próprios em muitas regiões, dispensava-se centrais de distribuição de sinais. Poderia ser itinerante e improvisado. O que gera uma nova função: a da legitimação do papel passado e presente não apenas para o público interno, mas também para o externo: os países aliados e zonas de influência – muitas vezes obtidas exatamente pela conflagração e os tratados elaborados durante e após a guerra. Gerava imagens de nações e entidades benéficas e maléficas, a quem amar ou temer, emular ou rejeitar, heróis ou vilões. Tais imagens ou representações, no entanto, não foram idênticas e rígidas ao longo do tempo. Pelo contrário, eram maleadas profundamente durante as décadas seguintes à guerra – por ambas as superpotências. As representações do cinema seguiram de perto os mutáveis posicionamentos políticos do governo do momento e de sua diplomacia variável. Fases de distensão entre as superpotências permitiam ao cinema elaborar imagens mais suaves. Fases de acirramento das tensões, por sua vez, mais maniqueístas, apelativas e emotivas. Ao mesmo tempo, ambas as superpotências não eram comandadas por monólitos – nem de um inequívoco controle classista econômico e nem de um unipartidarismo totalitário. Os grupos econômicos e políticos que controlavam cada regime desdobravam-se em facções em luta pela hegemonia interna, gerando, vez ou outra, vozes discordantes na produção cinematográfica

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

bancada por estatais ou por grandes companhias. A análise de filmes com a temática da Segunda Guerra produzidos pela União Soviética e pelos Estados Unidos entre o fim da guerra e durante a Guerra Fria, por meio da sócio-história cinematográfica proposta por Marc Ferro, expõe tais condições. O minicurso destina-se a graduandos e a professores da rede básica de ensino. Os objetivos do minicurso são instrumentalizar para a área de História Contemporânea, ou afins, para o uso metodologicamente adequado do filme como fonte histórica e que os participantes possam enxergar de uma maneira diferente as relações do cinema com orientações políticas emanadas pelo Estado – ou de grupos de pressão estabelecidos que desejam participar da condução deste. Que essas relações são mais intrusivas, complexas e variadas do que se supõe comumente. Bem como sobre elementos da construção de um discurso histórico legitimador – ou deslegitimador, no caso do inimigo – realizados pelo cinema. O minicurso deve ser ministrado em dois períodos de 2 horas ou em um período com 4 horas, por meio de aula(s) expositiva(s) entremeada com o material fílmico selecionado para análise.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Guerra Fria; Sócio-história cinematográfica.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 7 (Quinta-feira, 14/09, 13h30 às 17h30)

O MATERIALISMO LACANIANO COMO CRÍTICA LITERÁRIA

Diego Luiz Miiller Fascina (UEM)

Thays Pretti de Sousa (UEM)

RESUMO: A obra de arte pode também ser reconhecida a partir de seu sentido escorregadio, que favorece inúmeras interpretações possíveis, que não se anulam e que intensamente enriquecem a obra em questão. Tal efeito é perceptível em diversas obras literárias, sempre múltiplas em sentidos, nunca se fechando para uma nova possibilidade de olhar. O materialismo lacaniano, também conhecido como lacanianismo, corrente teórica inicialmente ligada à filosofia política, tem gradualmente se feito mais presente em análises culturais, artísticas e, enfim, literárias, oferecendo uma nova ótica a esse aspecto inquietante que é intrínseco à obra de arte. Este minicurso objetiva discutir uma nova ótica a partir da qual os textos literários podem ser analisados, especialmente no que compete à filosofia do esloveno Slavoj Žižek (1949-), principal nome quando se fala a respeito do materialismo lacaniano. Observaremos, assim, como diversas obras literárias ganham nova dimensão interpretativa a partir de conceitos trazidos por essa corrente teórica, uma vez que o aspecto subjetivo de muitas obras parece convidar o leitor-crítico a explicar certos aspectos composicionais e temáticos do texto a partir dos conceitos lacanianistas. Apesar de inicialmente ligada à filosofia política, é interessante ressaltar que Žižek projeta e articula seu pensamento em áreas que vão desde a filosofia, a psicanálise, a sociologia, o cinema, até a economia e a política, explorando temas tão variados quanto política internacional e religião, e a relação entre os tipos de vasos sanitários existentes na França, Alemanha e Estados Unidos. Para tal empreitada, a fonte teórica fundamental de Žižek é o trabalho de Lacan na psicanálise, o qual o filósofo associa a outras fontes, como Hegel e Marx, os quais são lidos seletivamente, gerando um sistema que, apesar das diversas influências, é próprio. Metodologicamente, sua proposta gira em torno da desconstrução do que parece óbvio, mostrando a possibilidade de outras relações e interpretações. Para os fins deste minicurso, observaremos alguns conceitos utilizados por esse filósofo, tais como os de Real, Simbólico e Imaginário; objeto a; desejo e pulsão; ressimbolização; paixão pelo Real; neurose obsessiva e teoria dos discursos, entre outros que se façam pertinentes, com vistas a demonstrar como podem ser úteis para empreendermos novas leituras para narrativas diversas.

Palavras-chave: literatura, Materialismo lacaniano, crítica literária.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 8 (Quinta-feira, 14/09, 8h30 às 12h30; 13h30 às 17h30)

O SÉCULO DA FRONTEIRA: EXCLUSÃO E SILÊNCIO DURANTE A COLONIZAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

Ederson Fernando Milan dos Santos (UEM)

RESUMO: Este minicurso visa problematizar a fronteira a partir das interpretações construídas sobre os processos de movimento da fronteira e de colonização dos Estados Unidos durante o século XIX. Essas interpretações tiveram seu início com o ensaio de Frederick Jackson Turner, intitulado *O Significado da Fronteira na História Americana*, em 1893 e ressignificada por intelectuais estadunidenses ao longo do século XX. Porém, a definição do que seria essa fronteira nunca foi exata e não há um consenso em relação a esse conceito/processo. A interpretação de Frederick Jackson Turner leva em consideração o papel do pioneiro, homem branco, responsável por avançar com a fronteira e levar o progresso, a civilização, para as terras ao Oeste dos Estados Unidos. Na visão de Turner, grosso modo, a fronteira é o encontro entre a civilização e a *wilderness*, região remota e selvagem que oferece obstáculos ao avanço desse pioneiro. Considerada como um verdadeiro *mito de origem*, essa teoria foi aceita e amplamente divulgada no meio acadêmico, sendo Turner, até a data de sua morte, estabelecido como um dos mais importantes historiadores de sua época. Uma das questões a serem problematizadas neste minicurso aponta para o “vazio”, dentro da tese de Turner, em relação ao papel do indígena, do negro e da mulher durante o processo de colonização e avanço da fronteira dos Estados Unidos. Na obra de Turner predomina uma visão masculina de pioneiro, sendo este predominantemente de origem anglo-saxônica. As discussões sobre esse “vazio” ganharam força durante a década de 1980, com o surgimento de uma corrente de pensamento denominada de *New Western History*, que visa abordar a inclusão de atores sociais “esquecidos” pela historiografia tradicional do Oeste, como os negros, os índios, as mulheres, os hispânicos, entre outros. Assim, ocorre um processo de desconstrução dessas teorias sobre a colonização do Oeste, buscando constituir um verdadeiro processo de desmistificação dessa historiografia tradicional. Dessa forma, esse minicurso visa discutir essas questões, apresentando um panorama do processo de expansão da fronteira e como foi significada, passando para as discussões sobre os extermínios dos povos indígenas, da escravidão do negro africano e da participação das mulheres nesse contexto que é conhecido como “Conquista do Oeste”.

Palavras-chave: fronteira; desmistificação; historiografia.

ENIEDUC

Diversidade: desafios na prática educacional

Minicurso 9 (Quinta-feira, 14/09, 13h30 às 17h30)

O SUICIDA: UMA MINORIA AINDA NÃO DISCUTIDA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Willian André (UNESPAR)

RESUMO: O recente alarde veiculado com constância nas redes sociais a respeito do jogo “Blue Whale” ou “Baleia Azul”, cujos participantes – via de regra, adolescentes – se comprometem com a realização de uma série de atividades “abjetas”, incluindo a automutilação, chegando ao extremo do suicídio, ~~chama~~ chama a atenção para um problema existente há décadas, e que permanece carente de atenção: a morte voluntária entre adolescente é fato, e as vozes do ambiente educacional parecem continuar calando-se ou fazendo muito pouco a respeito, mesmo tratando-se de um contexto em que esses sujeitos desenvolvem parte considerável de sua formação. Muito se tem discutido, há mais de meio século, a importância de se observar a presença e voz das minorias nas mais diferentes esferas, com vistas a propiciar a todos uma formação humana, cultural e intelectual que opere pelo princípio da diversidade. Em face desse quadro, o problemático papel do suicida ainda queda pouco ou nada contemplado. Nesse sentido, o filme australiano *2:37* (2006), dirigido por Murali Thalluri, é emblemático: sua narrativa conta a história do cotidiano de vários adolescentes em uma escola, todos eles propensos a dar cabo da própria vida, por motivos que envolvem *bullying*, assédio sexual e sentimento de rejeição, entre outros. Diante dessa problemática, o presente minicurso visa a propor algumas reflexões sobre a questão do suicídio entre adolescentes, com foco principal no ambiente educacional. Como nossa área de atuação é a literatura, e como esta oferece subsídios para respaldar tal discussão, tomaremos como ponto de partida algumas narrativas ficcionais: os romances *As virgens suicidas* (1993), de Jeffrey Eugenides, *A elegância do ouriço* (2006), de Muriel Barbery, e *Os 13 porquês* (2007), de Jay Asher. Em um segundo plano, servirão como suporte teórico-crítico mais abrangente as obras *O deus selvagem: um estudo do suicídio* (1971), de A. Alvarez, e *The Noonday Demon: An Atlas of Depression* (2001), de Andrew Solomon. As discussões se desdobrarão em dois tópicos principais: primeiro, a necessidade de atenção e oferta de ajuda em casos que apontam para um comportamento suicida entre nossos alunos; segundo, a necessidade de se vencer os preconceitos que continuam a relegar ao autoaniquilamento o estatuto de tabu, procurando tratá-lo de forma aberta e consistente na escola.

Palavras-chave: suicídio; ambiente educacional; preconceitos/problematizações.